

FEMINISTAS NEGRAS INFLUENCERS DIGITAL

Empoderamento feminino negro

BLACK FEMINISTS DIGITAL INFLUENCERS

Black female empowerment

INFLUENCIADORES DIGITAL DE LAS FEMINISTAS NEGRAS

Empoderamiento de la mujer negra

Maria Nayara Oliveira Torres

Pedagoga. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Educação de Mulheres (GEPHEM).

oliveiratorresnayara@gmail.com

Kelly Almeida de Oliveira

Mestra em Cultura e Sociedade e Docente do curso de pedagogia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA/Campus Codó. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Educação de Mulheres (GEPHEM)

ka.oliveira@ufma.br

Recebido em: 21/03/2022

Aceito para publicação: 13/05/2022

Resumo

O movimento feminista se constitui a partir da busca de mulheres por aquisição de direitos como voto, trabalho e educação. Inicialmente, o movimento feminista não levava em consideração as questões ético-racial. Nesse sentido, o discurso de Sojourner Truth foi de grande importância para o movimento feminista negro. O movimento feminista alcançou a rede através de *sites*, *blogs*, canais do *YouTube*, perfis em redes sociais tanto por perfis pessoais de feministas como de perfil de conteúdo feminista. Desse modo, objetivamos analisar como a presença de mulheres feministas negras Influencer digital tem favorecido a desconstrução dos estereótipos criados acerca do movimento, bem como identificar se representa um estímulo à construção da identidade e valorização da mulher negra e discutir como as Influencer digitais negras enfrentam as críticas e combatem o racismo na rede. O trabalho é uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva. Djamila Ribeiro, Taís Araújo, Nátaly Neri e Gabi Oliveira foram vítimas de ataques racistas nas redes sociais. A partir dos comentários das seguidoras e demais internautas se observa como as *influencers digital* negras e feministas utilizam sua voz na internet para discutir questões sobre etnia e gênero tem gerando identificação e apoia entre as mulheres nessas redes sociais.

Palavras-chave: Empoderamento negro, feminismo negro, influencer digital.

Abstract

The feminist movement is constituted from the search for women to acquire rights such as voting, work and education. Initially, the feminist movement did not consider racial-ethnic issues. In this sense, Sojourner Truth's speech was of great importance to the black feminist movement. The feminist movement reached the network through websites, blogs, YouTube channels, profiles on social networks, both personal profiles of feminists and feminist content profiles. In this way, we aim to analyze how the presence of black feminist women digital influencers has favored the deconstruction of stereotypes created about the movement, as well as to identify whether it represents a stimulus to the construction of identity and appreciation of black women and to discuss how black digital influencers face the criticism and combat racism on the web. The work is a bibliographical, qualitative and descriptive research. Djamila Ribeiro, Taís Araújo, Nátaly Neri and Gabi Oliveira were victims of racist attacks on social media. From the comments of followers and other internet users, it is possible to observe how black and feminist digital influencers use their voice on the internet to discuss issues about ethnicity and gender, which has generated identification and support among women in these social networks.

Keyword: Black empowerment, black feminism, digital influencer.

Resumen

El movimiento feminista se constituye a partir de la búsqueda de que las mujeres adquieran derechos como el voto, el trabajo y la educación. Inicialmente, el movimiento feminista no consideró cuestiones de ética racial. En este sentido, el discurso de Sojourner Truth fue de gran importancia para el movimiento feminista negro. El movimiento feminista llegó a la red a través de webs, blogs, canales de Youtube, perfiles en redes sociales, tanto perfiles personales de feministas como perfiles de contenido feminista. De esta forma, pretendemos analizar cómo la presencia de mujeres negras feministas influencers digitales ha favorecido la deconstrucción de los estereotipos creados sobre el movimiento, así como identificar si representa un estímulo para la construcción de la identidad y valorización de las mujeres negras y para discutir cómo los influenciadores digitales negros enfrentan las críticas y combaten el racismo en la web. El trabajo es una investigación bibliográfica, cualitativa y descriptiva. Djamila Ribeiro, Taís Araújo, Nátaly Neri y Gabi Oliveira fueron víctimas de ataques racistas en las redes sociales. A partir de los comentarios de seguidores y otros internautas, es posible observar cómo influencers digitales negras y feministas utilizan su voz en internet para discutir temas sobre etnia y género, lo que ha generado identificación y apoyo entre las mujeres en estas redes sociales.

Palabras clave: Empoderamiento negro, feminismo negro, influencer digital.

Introdução

O movimento feminista se constitui a partir da busca de mulheres por aquisição de direitos como voto, trabalho e educação. Esse movimento surge por volta do século XVII na Europa, de modo que as mulheres se aliam ao que se estabeleceu como lema igualdade, fraternidade e liberdade da Revolução Francesa. No entanto, essa revolução não alcançou efetivamente as mulheres porque não foi incluída na sociedade da forma pretendida pelo movimento.

Assim, o papel social da mulher e as formas de opressão permaneceram inalteradas. Apesar disso, o movimento feminista continuou sua luta por equidade e mudanças, chegando Brasil no século XIX. Ao longo dos anos, o movimento feminista conquistou direitos para as mulheres, sem almejar, naquele momento, discutir o papel da mulher branca e da mulher

negra na sociedade, ou seja, enfatizam as opressões e o papel social da mulher sem levar em consideração a etnia e classe social.

A segunda onda do feminismo teve início na década de 1970, momento em que as mulheres lutavam por melhores condições de trabalho, participação política e enquanto as mulheres negras discutiam a inviabilidade dentro das pautas do movimento. Com isso, a terceira onda se construiu pautada na universalização da categorização mulher e das discussões sobre sexo e gênero, questionando a participação majoritária de pessoas do sexo feminino no movimento feminista (RIBEIRO, 2018).

No que se refere ao feminismo negro, observa-se que na década de 1960 se começa a pensar a respeito da questão étnico racial dentro do movimento. O discurso de Sojourner Truth¹ expõe a inviabilidade da mulher negra no movimento feminista e da necessidade de dar voz a elas que sofriam e sofrem outras formas de opressão e discriminação por seres mulheres negras.

Beauvoir (1949) afirma que a mulher é o Outro, é o não homem, é o segundo sexo. Contudo, se trata de uma escritora francesa que fala do lugar de mulher branca. Por outro lado, Djamila (2017) apresenta a mulher negra como o Outro do Outro, revelando como a mulher negra é vista pela sociedade. Assim como no movimento feminista, Domingues (2007) apresenta o movimento negro que luta por acesso, permanência e equidade na ocupação dos espaços sociais em que passou por três fases: a primeira no período de 1889 a 1937; a segunda em 1945 à 1960 e a terceira em 1978 à 2000. Atualmente o movimento está em sua quarta fase. Assim, as pautas de ambos possuem interesses comuns: a luta por direitos sociais.

Recentemente, o movimento feminista alcançou a rede mundial de computadores através de *sites*, *blogs*, canais na plataforma digital do *YouTube*, perfis em redes sociais tanto por perfis pessoais de feministas como de perfil de conteúdo feminista. A internet trouxe mudanças na sociedade em diversos âmbitos. Com a popularização da internet e das redes sociais, *Orkut* e *MSM* vêm ganhando muitos usuários e produtores de diversos conteúdos. Recentemente se tem visto o crescimento do *Twitter* e do *Instagram* e surgido os nomeados de *Influencer* digital que são pessoas com poder de influência na internet mensurados a partir da quantidade de indivíduos que os acompanham nas redes sociais e da sua capacidade de engajamento.

A presença do movimento feminista e das feministas nas redes sociais altera o modo de protestar, disseminar informações, bem como cria um espaço de debates e discussões sem a necessidade de sair as ruas, assim como possibilita mobilizar uma quantidade expressiva de pessoas (SILVA, 2017). O jornal G1 mostra que no Brasil os indivíduos gastam em um dia na internet em média 9 horas 14 minutos, ocupando o posto de segundo país a acessar as redes sociais de acordo com os dados do Comitê Gestor da Internet. O portal de notícias estima que existam cerca de 7.500 *Influencer* digitais. (G1, 2019).

Ao ocupar as redes sociais, as mulheres negras feministas *Influencer digital* contribuíram para o fenômeno conhecido como Ciberfeminismo que é a ocupação das feministas na mídia digital. A presença delas representa a visibilidade da mulher negra e uma referência para meninas e jovens que ainda estão no processo de construção da identidade, despertando para a desconstrução do padrão de beleza que valoriza a estética da mulher branca e oportuniza

¹ Sojourner Truth, uma mulher que se destacou na luta pelos direitos femininos e pela abolição da escravidão no século XIX nos Estados Unidos. Analfabeta durante toda sua vida, Truth ganhou notoriedade através dos relatos e discursos transcritos e publicados por outras pessoas em jornais e cartas, além de sua narrativa ditada por ela para Olive Gilbert (JONES, SIMÕES, 2017).

conhecer as semelhanças nas narrativas da *influencer* com as outras mulheres que as acompanham nas redes sociais.

Desse modo, objetivamos analisar como a presença de mulheres feministas negras *Influencer* digital tem favorecido a desconstrução dos estereótipos criados acerca do movimento, bem como identificar se representa um estímulo à construção da identidade e valorização da mulher negra e discutir como as *Influencer* digitais negras enfrentam as críticas e combatem o racismo na rede. Para tanto, desenvolvemos um estudo bibliográfico, qualitativo e descritivo que utilizou autores que investigam sobre feminismo, feminismo negro, movimento negro, relações étnico raciais e mídia digital, como: Abrantes (2016); Beauvoir (1949); Carvalho (2006); Dutra (2018); Fernandes (2007); Fernandes, Souza (2016); Hall (2006); Mizael (2015); Ribeiro (2017); Ribeiro (2018); Silva (2017) e Pinto (2010). Para coleta de dados, utilizamos conteúdos e comentários das redes sociais e plataformas digitais (*Instagram* e *YouTube*) das seguintes *Influencer* digitais: Djamila Ribeiro, Nátaly Neri, Gabi Oliveira e Taís Araújo, pelo qual interrogamos como as mulheres feministas negras consideradas *Influencer* digitais contribuem para o empoderamento feminino negro?

O trabalho apresenta na introdução informações preliminares sobre o tema tratado ao longo do artigo, assim como os objetivos, justificativa e metodologia. Na fundamentação teórica consta em representatividade negra na rede autores que investigam sobre o processo de construção da identidade e a importância da representatividade negra na rede, desse modo em abordagem metodologia é exposto como a pesquisa foi realizada e quem são os sujeitos da pesquisa e em como o feminismo negro empodera mulheres negras na rede? é apresentado os comentários das seguidoras e outras internautas que acompanham as *influencer* digital Djamila Ribeiro, Gabi Oliveira, Nátaly Neri e Taís Araújo, os comentários são de apoio, encorajamento, de identificação que mostram como as *influencer* digital tem contribuído para o empoderamento negro usado as ferramentas digitais.

Desse modo é abordado em quem tem medo do feminismo na rede? como as *influencer* digital tem encarados como os ataques racista, machista e outras forma de discriminação dentro da rede e como as pessoas que as acompanham se posicionam diante de questões assim e nas considerações finais consta o que se apreendeu com a pesquisa a respeito da mulheres negras feminista enquanto *influencer* digital contribuem para o empoderamento negro.

Título do tópico Representatividade negra na rede

No processo de construção da identidade de uma pessoa são vários os componentes constituintes, que envolvem tanto aspectos internos como externos. Nesse sentido, as experiências, referências e ambiente social têm importância durante esse processo. Logo, a representatividade é elemento relevante para que a pessoa possa construir sua identidade (HALL, 2006); (CARVALHO, 2006).

A respeito disso Ferreira e Camargo (2011) discutem que a subalternização de etnias africanas pela sociedade, de modo geral, construiu uma visão preconceituosa de superioridade e exaltação da beleza branca. Isso tem impedido que as pessoas negras se enxerguem na sociedade para além dos estereótipos. Elas não se sentem representadas por serem invisibilizadas na sociedade. A sociedade, sobretudo a ocidental, normalizou um padrão de beleza considerando apenas aspectos físicos de pessoas brancas, dificultando a construção de

identidades diferentes do padrão estabelecido, bem como a representatividade por pessoas negras em espaços sociais de poder e que estão na mídia tradicional e digital (MIZAEL e GONÇALVES, 2015; ABRANTES; JUNIOR, 2016).

Nátaly Neri², em entrevista ao jornal R7 em 2016, argumenta sobre a importância da internet para produção de conteúdo, desconstrução de estereótipos acerca da mulher negra e assuntos correlacionados. A criadora do Afro e Afins³ aponta a ausência de mulheres negras nas mídias digitais e a necessidade de ocupação de mulheres negras na rede mundial de computadores devido o potencial de alcance dessa ferramenta. Nátaly Neri fundou o Afro e Afins devido não se sentir representada nas redes sociais.

Silva (2010) defende a inserção do movimento feminista no ambiente virtual tanto por oportunizar a ampliação dos debates das pautas do movimento, bem como para provocar discussões sobre o combate as práticas discriminatórias de gênero e etnia. A luta por equidade, travada há séculos, ao chegar nos ambientes virtuais revela as facetas do patriarcado, pois as “[...] redes sociais propiciam uma ressonância maior sobre o papel, as disputas e a importância do feminismo na atualidade” (SILVA, 2017, p.12).

Djamila Ribeiro⁴, em conversa ao Geledés⁵ (2020) sobre o racismo, explica que é preciso entender que o racismo no Brasil é uma questão histórica, de tal forma que é estrutural ao ponto de não se questionar a ausência de pessoas negras em posições de poder. Assim, a representatividade importa para que mais pessoas negras possam ocupar esses espaços sociais. A escritora *De quem tem medo do feminismo negro?* Discorre sobre a divisão dentro do movimento feminista que para ela está atrelado ao racismo estrutural e institucional. A concepção homogênea em meio à pluralidade causa falta de percepção das questões étnico raciais.

O site Mundo Negro apresenta mulheres negras que vem promovendo discussão na rede sobre racismo, identidade da mulher negra, aceitação, estética e feminismo negro. Na revista Marie Claire (2020) elenca oito *Influencer* digitais negras que produzem conteúdo sobre valorização da beleza da mulher negra, dicas de moda, histórias de racismo, relações com cabelos, corpos, sexualidade, feminismo negro e LGBTQAI+⁶. Dessa maneira, se observa o aumento da participação das mulheres negras no ambiente virtual e de sua relevância para dar voz a outras mulheres negras.

A respeito da representatividade da mulher na sociedade, Pinto (2010) expõe que essa estrutura socialmente construída pelo patriarcado exclui a participação da mulher em posições de poder e determina os espaços que as mulheres devem ocupar na sociedade. Ao direcionar

²Jovem de 25 anos, formada em Ciência Política, vive na cidade de São Paulo - SP, criou em 2015 o canal do YouTube e Facebook Afros e Afins.

³ É um canal da plataforma digital do YouTube e da rede social Facebook que traz conteúdos sobre raça, gênero, sociedade, sustentabilidade, slow living, amores, beleza, e tudo o que uma jovem interessada em melhorar sua vida e a realidade ao seu redor poderia se interessar. Assim descreve Nátaly Neri a fundadora do Afron e afins.

⁴ É mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo, pesquisadora, escritora e atuante no movimento feminista negro.

⁵ O portal Geledés - Instituto da Mulher Negra foi fundado em 1988 por Sueli Carneiro que objetiva defender e lutar contra a discriminação étnica e de gênero. Matéria disponível em: <https://www.geledes.org.br/tag/djamila-ribeiro/>

⁶ Significado de sigla LGBTQAI+ cada letra se refere a sexualidade e gênero de grupo de pessoas que compõem a comunidade, dessa forma as letras representam lésbicas, gays, bissexuais, trans e travestis, queers, intersexuais, assexuais e se usa o + para referenciar as outras existências de gêneros e sexualidades.

a discussão para as relações étnico-raciais a exclusão é maior. Isso repercute, consideravelmente, no acesso à internet e na produção de conteúdo postado por mulheres negras.

Djamila Ribeiro declarou ao jornal Uol (2017) que não se sentia representada pela ministra de Direitos Humanos do governo Temer, Luislinda Valois. Apesar de ser mulher negra, Luislinda não se posicionou de maneira a discutir criticamente questões sociais necessárias. A filósofa fez provocações sobre como se entende representatividade, e questionou a ausência dos negros dos meios de comunicação, nas telenovelas, nos programas de TV e sobre o quê pessoas negras representam? Quais estereótipos e preconceitos são reproduzidos nas telenovelas sobre pessoas negras? São questões como essas que Djamila faz, usando suas redes sociais e que tem ganho cada vez mais seguidores famosos como Taís Araújo.

Gabi Oliveira⁷, em palestra realizada no TEDx UNIRIO em 2018, discutiu sobre o processo de aceitação, valorização da beleza da mulher negra, construção da identidade negra e os estereótipos criados e reproduzidos na sociedade. A criadora do Depretas⁸ afirma na palestra *Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam:*

Eu, assim como outros criadores de conteúdo, que nunca fomos representados para além dos estereótipos, estamos hoje usando uma nova mídia pra construir uma nova narrativa, novas narrativas essas que impactam positivamente pessoas e causam transformação social (OLIVEIRA⁹, 2018).

A influencer digital Gabi Oliveira releva como é importante para o processo de construção da identidade da mulher negra ter referências, pessoas em que possa se inspirar, que possam se sentir representadas e reitera como é importante ter pessoas negras nos meios de comunicação, mas adverte que é preciso ter pessoas negras tanto em personagem de telenovelas, como em programas de TV que confrontem os estereótipos que apresentam os negros em posições de inferioridade, de sexualização do corpo da mulher negra, de criminalidade e subalternização. A atriz Taís Araújo, em 2017 na TEDx São Paulo, discutiu sobre *Como criar crianças doces num país ácido?* Nos 1.900 comentários foram selecionados os seguintes que demonstram como o racismo se mantém no cotidiano e como as pessoas se identificam com a fala de Taís Araújo. Na palestra, ela apontou como o racismo se revela estrutural, naturalizado e reverberam em atos racistas escancarados, vivenciados diariamente por pessoas negras.

Dentre os comentários, selecionou-se esses da internauta 1¹⁰ (2017): “Essa mulher é linda, inteligente, talentosa, potente. Essa mulher não se deixou ser vítima do racismo. Essa mulher incomoda os racistas. Isto é sensacional, [...]”. Outra internauta 3 (2017) diz: “Não é vitimismo,

⁷ É jovem de 28 anos, formada em comunicação e fundou em 2015 o canal no YouTube e do perfil no Facebook chamado De Pretas, que produz conteúdos a respeito de questões étnico-raciais, de gêneros, maquiagem, autoestima e atualmente sobre fake news.

⁸ Criado em 2015 por Gabi Oliveira possui um canal no YouTube e perfil no Facebook.

⁹ Palestra completa disponível em https://www.ted.com/talks/gabi_oliveira_um_novo_olhar_sobre_a_pessoa_negra_novas_narrativas_importam?language=pt-br

¹⁰ Os comentários selecionados são de mulheres negras e os comentários são enumerados a partir do número 1 para preservar as pessoas dos comentários que usamos neste trabalho.

é vivência! Taís fala não somente dela, mas representa várias outras mulheres. Não fala apenas de seus filhos, mas também dá voz para outras crianças”.

Nesses comentários pode-se perceber como Taís Araújo fala de questões vivenciadas por outras mulheres e dá voz a elas através de seus relatos em que gera empatia, sororidade e representatividade. Algumas defendem Taís de comentários ofensivos e preconceituosos como essa internauta fala “A mulher foi um doce e não atacou ninguém, apenas mostrou os fatos e falou das suas esperanças (que todos nós temos)”. Nesse sentido, outra questiona “Não entendi o q de tão ofensivo Taís falou pra causar tanta polêmica, pra pessoas ficarem com tanta raiva, pra ironizarem tantos fatos corriqueiros q ela citou.”

METODOLOGIA

O trabalho é uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva em que se realizou uma análise como a presença de mulheres feministas negras *Influencer* digital tem favorecido a desconstrução dos estereótipos criados acerca do movimento para isso se trilhou por mulheres negras que produzem conteúdos para internet e que usam as redes sociais para debater assuntos de racismo, machismo e outras questões étnico e de gênero.

Desse modo, foram escolhidas jovens mulheres Djamila Ribeiro, Gabi Oliveira, Nátaly Neri e Taís Araújo. Em que visando identificar se representa um estímulo à construção da identidade, selecionou-se dentro das redes sociais e plataforma de compartilhamento de vídeo temas como racismo, feminismo, machismo e processo de construção da identidade da mulher negra. Assim como identificar como elas contribuem para valorizar a mulher negra em que se buscou vídeos no *YouTube* e *post* no *Instagram* e *Facebook* sobre os estereótipos de gênero, valorização da beleza negra e autoestima da mulher negra.

Com isso, foi realizada uma análise nesses conteúdos que abordam sobre racismo, machismo, feminismo e questões étnico-raciais para verificar os comentários contrários e ofensivos às *influencers digitais* pesquisadas a fim de discutir como as *Influencer* digitais negras enfrentam as críticas e combatem o racismo na rede. De maneira que serão usados para análise as seguintes redes sociais *Facebook* e *Instagram* da Djamila Ribeiro, Gabi Oliveira (Depretas), Nátaly Neri (Afroeafins) e Taís Araújo e os Canais da plataforma de compartilhamento de vídeo, o *YouTube* de Gabi Oliveira (Depretas) e o Nátaly Neri (Afroeafins) e as palestras realizadas no Tecnologia, entretenimento e design- TED¹¹ de Djamila Ribeiro, Gabi Oliveira, Nátaly Neri e Taís Araújo.

Como o feminismo negro empodera mulheres negras na rede?

As mulheres negras tem usado a internet para produzir conteúdo referente ao feminismo negro, questões de autoestima, moda, beleza, maquiagem, aceitação, identidade, relacionamentos e criam um ambiente de troca e compartilhamento de histórias vivenciadas com as mulheres que as acompanham nas redes sociais. No que tange ao feminismo negro, a presença das *Influencer* digitais negras explicando e dialogando sobre o feminismo negro é

¹¹ O TED é uma instituição fundada em 1984 que realiza palestras com pessoas de vários países como Estados Unidos, Europa e no Brasil que são filmadas e disponibilizadas no site do TED e no canal do YouTube. Tendo como objetivo compartilhar ideias que merecem ser disseminada

importante para a desconstrução dos estereótipos criados acerca das mulheres feministas, principalmente de que o feminismo negro representa uma luta relevante ao identificar que, além das questões de gênero, tem-se de lutar com questões étnico-raciais. Como disse Djamila Ribeiro em 2019 ao jornal *A Tarde*, não se pode escolher lutar de forma isolada por direitos e equidade da mulher e depois da mulher negra, as mulheres negras têm que travar essa luta diariamente (MENDONÇA, 2019).

O movimento feminista tem uma característica muito particular que deve ser tomada em consideração pelos interessados em entender sua história e seus processos: é um movimento que produz sua própria reflexão crítica, sua própria teoria (Pinto, 2010, p.15).

No canal do *YouTube* Depretas criado por Gabi Oliveira, uma jovem de 28 anos formada em Comunicação social apresenta dicas de beleza que valoriza a estética da mulher negra, bem como abordar questões de autoestima, moda, aceitação, construção da identidade, racismo, tece comentários sobre seriados, filmes e documentários que tratam de questões de gênero e etnia.

O canal criado em 2015 atualmente tem 627 mil inscritos, no *Instagram* possui 400 mil seguidores e no *Twitter* 156 mil e 278 seguidores. O vídeo *Tour Pelo Meu Rosto* feito há dois anos possui 1.012.274 visualizações, 152 mil curtidas e 14 mil e 348 comentários. Muitos de apoio, de relatos de mulheres, tanto negras como brancas, sobre como se sentiam em relação ao seu corpo, do processo de aceitação, outras agradecem a Gabi por tratar de questões como essas e inspirar outras mulheres.

Esses comentários mostram como Gabi conseguiu falar com muitas mulheres negras e e produziu identificação ao longo do vídeo assim diz uma internauta 1 (2020): "Mulher. Eu não poderia sair do seu vídeo sem um elogio, a essa energia e aceitação tão visível. É admirável pessoas com tanta aceitação e auto estima (...)” e a internauta 2 (2020) “É tão lindooo ver uma mulher empoderada ciente de sua beleza, sua potência e sua luz. Gosto muito de você Gabi!” Nátaly Neri criou um canal no *YouTube* há 5 anos. Hoje, ela está com 25 anos e formada em Ciência Política. Ela declara que pensou no canal Afros e Afins para criar um ambiente de discussão, compartilhamentos de assuntos que permeiam a sociedade, desde que racismo, sexualidade, identidade, machismo, homofobia, orientação sexual a questões de conversa mais cotidianas sobre histórias de experiências diversas sobre alimentação, estilos de vidas e outras coisas.

No *Instagram*, ela tem 716 mil e 331 seguidores e no *Twitter* 265 mil e 893 pessoas. No vídeo do canal do *YouTube* que tem 736 mil inscritos, o vídeo intitulado *Orientação sexual e estereótipos racistas*, produzido há 9 meses, possui 80.298 mil visualizações, 15 mil curtidas e 512 comentários. Nele, Nátaly Neri relatou sobre o próprio processo de orientação sexual e aprendizagens. Os inscritos no canal e outros usuários do *YouTube* comentam como aconteceu com eles próprios, da necessidade de vídeos assim, de como a *YouTube* apresenta temas atuais e importantes.

Destacou-se os seguintes comentários de mulheres negras, internautas 3 (2020) “Nós mulheres somos tão intrinsecamente construídas como o ‘Outro’ não essencial para o essencial, como diz Beauvior, que caímos nessa de querer se fazer objeto ficando até triste ou confusa”. Outra afirma (internauta 4, 2020): “a mulata que não chegou’ mudou a minha vida e o jeito que eu

interpreto o mundo com relação a mim.” Outra internauta 5 (2020) comenta: “Oie” Então, eu sou uma guria adolescente, negra de pele clara e acreana que por família veio parar no RJ, te conheci pela Live do Nunca te pedi nada, fui olhar o seu canal e Nossa! Cada tema de vídeo [...]”

Em 26 de junho de 2020, Djamila postou em seu *Twitter* e repostou em seu *Instagram* a fala de Silvio Almeida “As mulheres negras hoje lideram o movimento negro (...) É impossível pensar a dimensão da luta antirracista se não houver também uma luta pela igualdade de gênero, isso é fundamental”. Em seu *Instagram*, com 1 milhão e 113 mil de seguidores, teve comentários de concordância, de encorajamento, de como ela empodera outras mulheres e da importância dela para o feminismo negro.

Uma internauta 6 (2020) afirma: “Orgulho! É muita alegria acompanhar o brilhantismo de vocês, minha gente! Coração saltita de felicidades! Por vocês e por nós que não esmorecemos ao ver vocês seguindo adiante!”. Outra internauta 7 (2020) comenta: “Que aula assistimos...Brilhante” e a internauta completa “Djamila Como Sempre Dando Aula”. A internauta 8 (2020) fala: “Duro foi ouvir os negros da bancada, dizendo que o movimento não tem voz! Silvio respondeu a altura!”, assim a internauta 9 (2020) relata: “Sou professora de escola pública e vejo vários livros chegando e não sendo usados...inclusive da história do negro... Infelizmente!”. Dessa forma, observamos como Djamila, mulher negra feminista, inspira, motiva e impulsiona as mulheres através da sua história e oportuniza a discussão de questões sociais fundamentada em teóricos e com uma linguagem de fácil compreensão nas redes sociais.

Quem tem medo do feminismo negro na rede?

Recentemente, Djamila Ribeiro sofreu ataques na rede devido o seu ativismo na luta do movimento feminista negro e sua filha foi ameaçada. Ela acionou o Ministério Público contra esses ataques no *Twitter*. Em entrevista ao Uol, em 2020, ela comenta que apesar de ter regras contra atitudes e práticas de racismo ainda tem casos de ataque especialmente através de discursos de ódio direcionados às mulheres. Nesse sentido Silva (2017.p.02) compreende que com o surgimento da rede mundial de computadores:

[...] abre-se uma brecha para que indivíduos agridam das mais variadas formas possíveis qualquer outra pessoa que tenha um pensamento diverso do seu, ou que não estejam dispostas a entrar em um debate que não enriquecerá de alguma forma o conhecimento já adquirido. Um aspecto importante que potencializa essas agressões é o fato de que as pessoas perdem a timidez quando estão atrás de uma tela de computador ou de um celular e “protegidas” pelo anonimato, sem exposição física, “soltam” as palavras, falam tudo que pensam e o que querem, sem analisar que tudo que foi dito tem uma consequência social. (SILVA, 2017, p.02).

Conforme relatado por Djamila, não se trata apenas de *hater*, mas quando os alvos desses discursos de ódio são mulheres negras, é preciso considerar o gênero e etnia. Misoginia e racismo são elementos caracterizadores desse tipo de ataques. Em 2015, a protagonista de *A cor do pecado*, a atriz Taís Araújo foi vítima de ataques racistas no Facebook. Ela acionou a

Polícia do Rio de Janeiro. Em apoio a atriz foi criado a hashtag #SomosTodosTaísAraújo que mobilizou artistas e anônimos. Taís Araújo falou no jornal G1 em 2015 da necessidade de denunciar, de não se calar diante do racismo e ficou feliz com o apoio recebido das pessoas.

No Brasil, o racismo é o crime virtual mais popular entre as pessoas que usam o Facebook. Neste contexto, apuração da Ong SaferNet indicou que a rede social é responsável por 58,3% dos registros de crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor em toda a internet. No levantamento, o Twitter e o YouTube ficaram em segundo e terceiro lugar, respectivamente. (MINISTÉRIO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL, 2019, p.01)

Nas eleições de 2018, houve muitas discussões acaloradas e ataques racistas, homofóbicos, misóginos, sexistas, machistas e outras formas de opressões e discriminações nas redes sociais. Nesse período, as *Influencer* Nátaly Neri e Gabi Oliveira sofreram racismo ao se posicionarem contrário ao então candidato e atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Os comentários são facilmente percebidos como racismo porque apresenta o racismo escancarado e os seguidores saíram em defesa delas. O racismo estrutural são ações discriminatórias e excludentes que privilegiam o povo branco e subalternizar outra. Essas práticas estão na base da sociedade ocidental que por séculos lucrou com a escravidão das pessoas negras.

No Brasil, existem leis que disciplinam e punem práticas racistas, são elas: Lei Nº 7.716, de 1989, que torna crime os atos discriminatórios baseado na etnia, crença e nacionalidade. Racismo é crime inafiançável. No Código Penal, está previsto o Decreto Lei nº 2.848, de 1940, que no capítulo V, trata dos crimes contra a honra. No artigo 140 define que a injúria é inafiançável e quando se trata de questões étnico-raciais a pena pode ser de um ano ou três anos de reclusão acompanhada de multa.

Considerações finais

A partir dos comentários das seguidoras e demais internautas se observa como as *influencers digitais* negras feministas têm utilizado sua voz na internet para discutir assuntos que falam diretamente das suas narrativas, muitas vezes marcadas por situações de racismo, sexismo, machismo e possibilitam que outras mulheres se identifiquem, compartilhem e apoiam umas às outras nas redes sociais.

As redes sociais são espaços para que as *Influencer digital* Djamila Ribeiro, Gabi Oliveira, Nátaly Ner e Taís Araújo apresentem e expliquem como o movimento feminista negro é necessário no combate à práticas discriminatórias e excludentes em que as mulheres e pessoas negras sofrem, trazendo elementos importantes para desconstruírem a imagem estereotipada da mulher feminista como alguém que não tem vaidade, que não fala de beleza, maquiagem, moda e autoestima. Com isso, percebemos que as *Influencer* digitais negras referenciadas na pesquisa são inspiração e contribuem para o empoderamento feminino negro de mulheres que as seguem nas redes sociais.

Referências Bibliográficas

ABRANTES, Elizabeth Sousa; JUNIOR, Reinaldo dos Santos Barroso. **O Maranhão e a escravidão Moderna**. Eduema. São Luís, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo sexo. Rio de Janeiro, 2 ed. Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. **Decreto-lei nº 2.849, de 7 de dezembro de 1940**. Senado Federal. Brasília. 1940.

BRASIL. **Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989**. Senado Federal. Brasília, 1989.

CARVALHO, Cristiane Portela de. A contribuição da identidade feminina em veja. dissertação. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de pós-graduação em comunicação. Recife. 2006.

FERREIRA, Ricardo Frankllin e CARMAGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicol. cienc. prof.** vol.31 no.2 Brasília , 2011.

G1. Atriz Taís Araújo é alvo de comentários racistas em rede social. G1. Rio de Janeiro. 2016.

Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/atriz-tais-araujo-e-alvo-de-comentarios-racistas-em-rede-social.html> Acesso em 16 de agosto de 2020.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: TomásTadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro.ed.11, DP&A, Rio de Janeiro. 2006.

JONES, Lucas e SIMÕES, Hanna. Análise semiótica dos discursos de Sojourner Truth. Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre. v. 2, n. 8 Minas Gerais. 2017.

MARIE CLAIRE. **8 Influenciadoras de beleza negra para inspirar já**. Marie Claire. 2020. Disponível em <https://revistamarieclaire.globo.com/Beleza/noticia/2020/01/8-influenciadoras-de-beleza-negra-para-inspirar-ja.html> Acesso em 15 de agosto de 2020.

MENDONÇA, Tatiana. Djamila Ribeiro: "Não dá para tratar as opressões de forma isolada". A Tarde. Salvador. 2019. Disponível em <https://www.atarde.uol.com.br/muito/noticias/2053243-djamila-ribeiro-nao-da-para-tratar-as-opressoes-de-forma-isolada> Acesso em 31 de agosto de 2020.

MIZAEL, Náíade Cristina de Oliveira e GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. Construção da identidade negra na sala de aula: passando por bruxa negra e de preto fudido a pretinho no poder. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 615-636, 2015.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. Mês da consciência Negra: MPDFT identifica crescimento dos crimes de ódio na internet. Ministério Público do Distrito Federal e territórios. Brasília. 2019. Disponível: <https://www.mpdft.mp.br/portal/index.php/comunicacao-menu/sala-de-imprensa/noticias/noticias-2019/11426-mes-da-consciencia-negra-mpdft-identifica>

[crescimento-expressivo-dos-crimes-de-odio-em-ambiente-virtual](#) Acesso em 28 de agos. de 2020.

SILVA, Maria Clara. Representatividade na internet: 50 blogueira negras para você seguir. Mundo Negro. 2020. Disponível em <https://mundonegro.inf.br/representatividade-na-internet-50-blogueiras-negras-para-voce-seguir/> Acesso em 31 de agosto de 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Pâmela Ferreira da. Feminismo nas rede sociais: Análise das hostilidade sofridas pelas feministas Dolores Aranovich e Madge Porto. **Revista Tropos**, ISSN: 2358-212X, volume 6, número 1, ed. de Jul. de 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

TEDx. **Precisamos romper com os silêncios**. Palestra de Djamila Ribeiro. TEDx São Paulo Salon, TEDxTalks. 27 de jan. de 2017. 10m01s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc>. Acesso em 30 de agosto de 2020.

TEDx. **Como criar crianças doces num país ácido**. Palestra de Taís Araújo. TEDx São Paulo, TEDxTalks. 14 de nov. de 2017. 10m24s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H2Io3y98FV4>. Acesso em 29 de agosto de 2020.

OROSCO, Dolores. **Guru feminista**. Universa Uol. Uol.São Paulo. 2017. Disponível em: <https://www.uol/estilo/especiais/djamila-ribeiro.htm> Acesso em 13 de agosto de 2020.

UOL. Twitter lucra com exploração de racismo e misoginia, diz Djamila Ribeiro. UOL. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/08/14/twitter-lucra-com-exploracao-de-racismo-e-misoginia-diz-djamila-ribeiro.htm> Acesso em 15 de agosto de 2020.